



Centro Universitário de Brasília

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FASA

Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo

Monografia acadêmica

RA 20534040

Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma Análise dos Programas Globo Esporte e Esporte Espetacular

Flaviana de Cerqueira Souza

Orientador: Severino Francisco da Silva Filho

Brasília, junho de 2006

Flaviana de Cerqueira Souza

**Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma análise dos
Programas Globo Esporte e Esporte Espetacular**

Monografia de conclusão de curso apresentada à Coordenação de Comunicação Social, do Centro Universitário de Brasília, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, orientado pelo Prof. MsC Severino Francisco da Silva Filho.

Brasília, junho de 2006

SOUZA, Flaviana de Cerqueira.

Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma Análise dos Programas Globo Esporte e Esporte Espetacular/ Flaviana de Cerqueira Souza – Brasília, 2006. 48 f.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Orientador: Severino Francisco da Silva Filhos, MsC.

1. Jornalismo Esportivo. 2. Sociedade. 3. Televisão. I. Título

CDU

Flaviana de Cerqueira Souza

Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma Análise dos Programas
Globo Esporte e Esporte Espetacular

Monografia de conclusão de curso apresentada à Coordenação de Comunicação Social, do Centro Universitário de Brasília, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, orientado pelo Prof. MsC Severino Francisco da Silva Filho.

Brasília, 02 de junho de 2006.

Menção: _____

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco da Silva Filho, MsC
Orientador

Prof. Ana Paula Ferrari Lemos Barros
Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

Dedico este trabalho a três nomes que possuem extremo valor na minha vida:

José Mário Alves de Souza e Maria Amália de Cerqueira Souza pela confiança depositada e por tudo que representam.

*E a pessoa que, durante esses últimos três anos, tem feito presença no meu dia-a-dia, desprovida de interesse e mostrando que com afeto, dedicação e confiança toda transformação para melhor é possível. **Carlos Eduardo Carvalho Lobo** obrigada por tudo que me fez aprender e ensinar.*

Em primeiro lugar aos meus pais por terem me oferecido todas as condições (afetivas, financeiras e psicológicas) para que eu chegasse até aqui.

Ao Carlos Eduardo pelo incentivo e encorajamento frente aos obstáculos.

Aos meus irmãos, à minha família (principalmente ao casal Isabel e Cunha) e aos grandes amigos que estiveram de prontidão para me ajudar e sempre torceram pelo meu sucesso.

À família Carvalho Lobo pelo apoio dado durante o semestre.

Agradeço ao meu orientador por ter dado a “luz certa” no momento do percurso, em que as coisas não estavam esclarecidas e por acreditar na minha proposta.

À ginasta Daiane dos Santos, a sua irmã Deise dos Santos e aos jornalistas esportivos Paulo Rossi e José Cruz por fazerem possível a realização das entrevistas que em muito me ajudaram e abriram a minha mente.

Aos professores das oficinas de monografia, que me auxiliaram para a realização deste trabalho.

Resumo

O esporte é um dos fenômenos sociais de maior adesão no mundo. É crescente o interesse da mídia em divulgar e falar sobre o tema. Esta monografia pretende analisar a função social do jornalismo esportivo, especialmente o da televisão, e como é o posicionamento da mídia diante a esta instituição: A veiculação do esporte é pautada na história dos vencedores de competições ou vencedores na vida? Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o assunto e uma análise dos programas esportivos, Globo Esporte e Esporte Espetacular. Além disso, ainda como forma de enriquecimento do trabalho, foram realizadas entrevistas com a atleta Daiane dos Santos, com o editor de esportes do jornal Correio Braziliense, Paulo Rossi e com o subeditor e colunista esportivo do mesmo veículo, José Cruz, sobre as dimensões sociais que o esporte possui.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo, Sociedade, Televisão, Análise da Notícia.

Sumário

Introdução	9
Metodologia.....	10
1 - Surgimento do Esporte.....	11
1.1- Conceito e Origem.....	11
1.2 - História da Maratona	12
1.3 - Olimpíadas e Brasil.....	14
1.3.1 - Jogos Olímpicos e Brasil.....	14
1.3.2 - Esportes Brasileiros	15
1.4 - Origem do Futebol Brasileiro	16
2 - Esporte e Sociedade	18
2.1 - Valor Social do Esporte	18
2.1.1 - Educação.....	18
2.1.2 - Alcance.....	19
2.2- Esporte como construção do cidadão	21
3 - A função social do jornalismo esportivo.....	22
3.1. Jornalismo Esportivo e TV.	24
3.1.2 – História e Dimensão	24
3.1.2 – Televisão.....	25
3.2. A imprensa e a visão social sobre o esporte.....	26
4 - Análise da notícia: Globo Esporte / Esporte Espetacular.....	29
4.1 - Apresentação dos programas.....	29
4.1.2 – Domínio	30
4.2- Análise de conteúdo dos programas.....	30
4.2.1. O futebol como hegemonia	30
4.2.2 - Critério de noticiabilidade.....	32
4.3. Análise qualitativa do material.....	32
4.3.1 - O esporte como espetáculo na TV	32
4.3.2 – Questões sociais na reportagem esportiva.....	34
5 - Considerações Finais.....	37
6 - Referências	39
7. Anexos	41
7.1 – Anexo A.....	41
7.2 – Anexo B.....	43
7.3 – Anexo C.....	45

Introdução

O esporte tem papel relevante no campo da socialização e reprodução cultural. Talvez seja a instituição mais importante, mesmo à frente da família e da escola, de recriação e transmissão de valores essenciais à continuidade da existência cultural ocidental. O poder de transformação da realidade do ser humano e de resgate da cidadania são alguns dos pontos fundamentais desta dimensão, que vem ganhando cada vez mais força em nossa sociedade. A mídia televisiva, ao observar o alcance que o esporte atinge e o interesse que as pessoas têm pelo mesmo, divulga e ocupa cada vez mais os espaços de suas programações, sobre o assunto.

Este trabalho propõe-se a analisar os programas esportivos, Globo Esporte e Esporte Espetacular, baseando-se em uma amostra de 15 edições veiculadas entre os dias 30 de abril e 15 de maio de 2006.

Os programas foram escolhidos em razão de serem especializados no tema que a autora se propôs a analisar, e por pertencer à rede de televisão mais poderosa e de maior audiência do Brasil. A televisão, especificadamente o telejornalismo, é vista como uma janela para que a sociedade possa conhecer e entender tudo que acontece no mundo. Como se sabe, a mídia é uma das instituições que mais influenciam a sociedade.

Sendo assim, esta pesquisa pretende identificar se o jornalismo esportivo cumpre a sua real função social, já que mídia, principalmente a televisão, ocupa uma importância fundamental na construção de verdades e identidades. Até que ponto a notícia esportiva pode ser vista como entretenimento ou exemplo educacional e social? O jornalismo esportivo cumpre a sua função social?

Todavia, para entender o trabalho é necessário compreender alguns aspectos. Por isso, antes da análise serão abordados temas, como a história dos esportes e a influência do mesmo sobre a sociedade, jornalismo esportivo, assim como um breve histórico dos programas para que, o leitor possa identificar alguns pontos essenciais para o entendimento do horizonte da monografia.

Ao abordar aspectos do jornalismo esportivo e outros pontos relacionados ao assunto, pretendeu-se responder ao questionamento inicial sobre o cumprimento da função social da mídia ao cobrir esportes.

Metodologia

O primeiro passo para a realização deste trabalho foi a definição e a sucessiva delimitação do assunto a ser analisado. O tema deste trabalho nasce do interesse da autora pelo jornalismo esportivo e pelo fenômeno esporte, que é uma instituição que vem transformando a sociedade.

Por meio de uma pesquisa exploratória a monografia foi desenvolvida, a partir de fontes bibliográficas, aplicação de entrevistas e análise dos programas. O estudo é desenvolvido em quatro capítulos.

O primeiro trata da história do esporte, incluindo o surgimento, desde o *Esporte da Antiguidade* da Grécia até o aparecimento do conceito do *esporte moderno*. O capítulo também aborda as modalidades tipicamente brasileiras e a expressão que o Brasil conquistou no cenário esportivo e a força do futebol no país.

O segundo aprofunda o debate nos valores do esporte e nas suas dimensões de transformação, educação e alcance no mundo.

No terceiro a história do jornalismo esportivo é abordada, assim como o poder da mídia como construtora de realidades e qual a função que a mesma deve desempenhar em relação à sociedade.

Por fim, no quarto apresenta-se uma análise de conteúdos com aspectos quantitativos e qualitativos das notícias esportivas veiculadas nos programas Globo Esporte e Esporte Espetacular, tendo como o foco o questionamento de qual papel social o jornalismo esportivo cumpre, e qual dimensão do esporte é mais divulgada quando a mídia vai cobrir o assunto.

1 - Surgimento do Esporte

“O homem sempre quis novas emoções. Há os esportes que vieram com as armas, os que vieram com os motores, os que vieram com as conquistas aéreas. O homem sempre quis criar esportes para experimentar novas emoções”. **Orlando Duarte**

1.1- Conceito e Origem

Esporte é sinônimo de saúde, movimento, força, superação, integração. Mas também pode significar nação, religião, educação, cultura e diversas outras dimensões, que ultrapassam a barreira divisória da política, do direito, da história, etc. A comprovação da importância do valor do esporte para a humanidade é refletida nas Olimpíadas, pois trata-se do maior evento e espetáculo do mundo que reúne pacificamente diversos países que, em alguns casos, são inimigos politicamente.

De acordo com a definição do dicionário Houaiss (2001) esporte é a atividade física regular, com fins de recreação e/ou de manutenção do condicionamento corporal e da saúde, e a prática individual ou em grupo de exercício físico ou jogo para divertimento ou lazer.

O esporte é uma atividade física geralmente sujeita a determinados regulamentos. Possui o duplo valor do exercício e da competição. Idealmente o esporte diverte e entretém, e constitui uma forma metódica e intensa de um jogo, que tende à perfeição e à coordenação do esforço muscular tendo em vista uma melhora do estado físico e espiritual do ser humano. Alguns esportes são praticados em equipes e outros individualmente, mas sempre com um adversário. Também podemos definir esporte como um fenômeno sócio-cultural, que envolve a prática voluntária de atividade predominantemente física competitiva com finalidade recreativa ou profissional, ou predominantemente física não competitiva com finalidade de lazer, contribuindo para a formação, desenvolvimento e aprimoramento físico, intelectual e psíquico de seus praticantes e espectadores.

O jornalista esportivo Orlando Duarte (2004) que cobriu nove olimpíadas, treze mundiais de futebol e outras diversas competições esportivas, defende que a necessidade fez com que o homem "descobrisse" o esporte e praticasse a natação, arco-e-flecha, luta como forma de sobrevivência e adaptação.

O esporte sempre acompanhou o homem. Quando se descobre, no Egito, na Necrópole de Beni-Hassan, em 1850 a.C., um mural com figuras praticando a luta em vários movimentos, fica mais do que provado que temos mais de quatro mil anos de esporte.

Há provas de arremessos, em 1830 a.C., e de salto em altura, em 1160 a.C., ambas na Irlanda. Na Noruega, existem vestígios dos primeiros esquiadores; na Rússia, dos primeiros remadores e pescadores. Em 1500 a.C., em Creta, praticava-se o pugilismo. Em 1300 a.C. a 800 a.C. já havia o jogo da pelota. Em 776 a.C. temos os Jogos Olímpicos gregos, com a importância local e regional, que depois passam a ser o próprio calendário, pois eram disputados de quatro em quatro anos. As primeiras "corridas de fundo" com quatro mil metros e 164 centímetros, são disputadas em 720 a.C. A luta e o pentatlo (corrida, disco, luta, salto em distância e dardo) estão nos Jogos de 708 a.C. Em 648 a.C. entra o pugilismo, e em 632 a.C. ocorrem às competições para juniores (16 a 18 anos). A partir de 580 a.C. são instituídos prêmios em dinheiro aos campeões e tem início ao profissionalismo. (DUARTE, 2004, p. 13).

Segundo Lauret Godoy , o sistema educacional grego privilegiava as atividades esportivas e o vigor físico era incentivado. O homem precisava ter força e saúde para defender sua cidade em guerras e estádios. Afinal, também nos jogos públicos as *poleis* se defrontavam buscando superar umas às outras.

Nas guerras, a participação era precedida de tristeza, inquietação e medo. Mas o confronto nos estádios gerava disciplina, método, respeito e alegre expectativa. As competições esportivas, talvez por isso, eram muito prestigiadas entre os helenos, e existiram desde tempos remotos. (GODOY, 1996, p.26).

A cultura atlética desde os tempos da Grécia Antiga era valorizada e difundida, porque ali o esporte sempre esteve ligado à evolução do próprio homem, que o criou para experimentar novas emoções.

Com a decadência do mundo antigo, o esporte passou por uma transformação. Surgiu então, o chamado *esporte moderno*, no século XIX, criado na Inglaterra pelo educador Thomas Arnold, numa perspectiva educacional.

1.2 - História da Maratona

A origem desta prova é uma lenda do esporte e existem algumas versões que persistem até os dias atuais. Uma delas defende que no de 490 a.C., os gregos haviam vencido os persas na batalha de Maratona e coube a Pheidippides, um corredor profissional, anunciar a boa notícia até a cidade de Atenas. A história diz que ele correu 45.195m e proclamou: "Sejam felizes, nós vencemos!", caindo

morto de exaustão. Embora não haja provas deste fato, o barão de Coubertin resolveu atender ao historiador francês Michel Bréal e confirmar a lenda. (ORLANDO, 2000, p.36)

A outra versão atribui a Pheidippides uma tarefa mais árdua e importante. Quando os Persas estavam chegando na Grécia para destruir Atenas, coube a Pheidippides ir até Esparta, a 240 km de distância, pedir reforços correndo. Como o caminho era irregular para os cavalos, somente um mensageiro corredor poderia cobrir a distância em tempo. E então Pheidippides correu em dois dias os 240 km por terreno irregular, só para chegar em Esparta e receber um não como resposta. Os espartanos estavam comemorando o festival de Artemis e se recusaram a ajudar. E lá veio Pheidippides de volta a Atenas com a má notícia, correndo. Foi através da corrida que os atenienses venceram os Persas.

Lauret Godoy explica a batalha de Maratona da seguinte maneira:

Paralelamente à expansão helênica, firmava-se no Oriente o vasto Império Medo-Persa. Irradiou-se dos platôs do Irã e cobriu territórios da Índia ao mar Mediterrâneo. Contando com fartos recursos humanos e materiais, os persas submeteram povos, chegaram à Europa e dirigiam sua atenção para a Grécia.

Em 490 a.C. o exército de Dario, "o Grande Rei", atravessou o mar Egeu e chegou ao território grego. Cem mil persas desembarcaram na planície de Maratona, a 40 quilômetros de Atenas. A tropa ficou acampada na praia, aguardando o momento oportuno para invadir a planície.

O comando das ações gregas coube a fez generais superiores, denominados estrategos. Reuniram-se para decidir as estratégias do combate. Entre eles estava Milcíades, conhecedor da tática de guerra dos persas.

Os atenienses preparavam-se. Enviaram a Esparta o mensageiro Fidípedes, excelente corredor de longas distâncias, para pedir auxílio. Ele cumpriu quase 200 quilômetros de percurso de ida e volta, em dois dias. Os espartanos não puderam enviar ajuda de imediato, porque comemoravam festas religiosas. Platéia mandou um pequeno grupo de soldados e Atenas formou uma tropa de dez mil homens.

Milcíades propôs um ataque antes que os persas iniciassem a marcha rumo a Atenas. Aceita a sugestão, os soldados foram orientados para que atravessassem correndo o trecho de 1.500 metros de planície, atacando os persas de surpresa. Estes, confiando na superioridade numérica, imaginaram tratar-se de um bando de loucos. Assim começou a batalha de Maratona, que terminou com a vitória dos helenos. Sangraram-se vencedores, com poucas baixas: uma parte do exército foi dominada, o restante recuou para o mar, embarcou nos navios e partiu apressadamente. Para transmitir a surpreendente notícia, Milcíades mandou Fidípedes seguir para Atenas. Embora ferido, o mensageiro correu mais de 40 quilômetros e, com os pés sangrando, chegou ao estádio da cidade, onde o povo, apreensivo, aguardava informações sobre a batalha. Fidípedes só conseguiu gritar: "Alegrai-vos. Vencemos!", antes de morrer.

A corrida de resistência disputada na atualidade e chamada de maratona é uma homenagem a esse episódio da história grega. O percurso, superior a 40 quilômetros, representa a distância que Fidípedes cumpriu para levar aos atenienses a alvissareira notícia.

Segundo Heródoto, quando os dois mil soldados espartanos chegaram para lutar, tudo havia terminado. Conseguiram ver, apenas, os corpos destróçados dos persas, espalhados pela planície.

Maratona foi uma das quatro batalhas em que o destino do mundo antigo ficou decidido pelo confronto direto entre europeus e asiáticos. Se os persas conseguissem vencer, toda a Grécia seria escravizada. Consta que o general Milcíades pleiteou uma honraria. Afinal, a vitória fora conseguida graças ao seu plano de ataque. Recebeu, então a seguinte resposta: Milcíades, quando houveres lutado sozinho, aí sim, serás honrado sozinho" (GODOY, 1996, p.16).

Versões à parte, o importante é que a história de sua origem inspirou a competição realizada pela primeira vez na Olimpíada de 1896, em Atenas. Uma prova das mais impressionantes desta modalidade foi a de Abebe Bikila, da Etiópia, guarda do imperador Seilassié. Ele venceu, a Maratona de Roma, correndo descalço, e faleceu vítima de um tiro que recebeu ao tentar defender o seu "Rei de Judá".

A maratona é hoje a principal prova das olimpíadas e o seu princípio sempre será pautado na luta por algo maior em prol do bem coletivo, do que vencer e ser reconhecido.

1.3 - Olimpíadas e Brasil

1.3.1 - Jogos Olímpicos e Brasil

A Olimpíada é o maior evento esportivo do mundo. Reúne dezenas modalidades esportivas e integra centenas de países que, mesmo inimigos políticos, religiosos ou econômicos, esquecem as divergências para fazer a grande festa do esporte mundial. Com isso, os atletas proporcionam momentos únicos e históricos de superação, felicidade e drama para todos os apaixonados pela emoção causada pela disputa esportiva.

A própria bandeira olímpica representa a união de povos e raças, pois é formada por cinco anéis de cores diferentes entrelaçados, representando os cinco continentes. A paz, a amizade e o bom relacionamento entre os povos são os princípios dos jogos.

Os primeiros Jogos Olímpicos foram realizados na Grécia Antiga, há mais de 2700 anos, como uma importante celebração e tributo aos deuses, mas acabaram declinando juntamente com a civilização grega. Porém, em 1892, um aristocrata francês, Barão de Coubertin, recuperou os Jogos tentando reavivar o espírito das primeiras olimpíadas, que passaram a ser realizadas de quatro em

quatro anos. Desde então, elas só foram interrompidas apenas pelas duas grandes Guerras Mundiais. (GODOY, 1996).

Em 25 de novembro de 1892, na Sorbone, Coubertin (...) manifestou-se pela primeira vez sobre sua intenção de reinstaurar os Jogos Olímpicos. Declarou: "Atletas amadores de todas as partes do mundo deverão, uma vez mais, competir de quatro em quatro anos, sem nenhuma restrição de raça, religião, classe social e riqueza. Todo futuro do esporte repousa no renascimento dos Jogos Olímpicos. Devemos, unidos, lutar para que isso se concretize"(GODOY, 1996, p.120).

Embora os Jogos sejam promovidos a cada quatro anos, o movimento olímpico é amplo, ininterrupto, emocionante e infiltra-se em todos os setores de atividades.

O Brasil participou de sua primeira Olimpíada em 1920 na Bélgica e foi representado apenas por atletas homens. Os 22 atletas brasileiros conquistaram três medalhas (uma de ouro, uma de prata e uma bronze) através da modalidade tiro ao alvo. A primeira mulher da América Latina que participou dos Jogos Olímpicos foi a brasileira, Maria Lenk. Assinou seu nome na história da natação por ser a responsável pela introdução do nado borboleta. O atleta Adhemar Ferreira da Silva, marcou a presença brasileira, nas Olimpíadas de 1952 e 1956 quando ganhou duas medalhas de ouro no salto triplo e bateu por diversas vezes o recorde mundial, consagrando-se com a marca de 16,56 metros. Adhemar é considerado até hoje pelos especialistas o maior fenômeno da história da sua modalidade. Totalizando todas as edições dos Jogos Olímpicos, o Brasil possui 17 medalhas de ouro, 22 de prata e 37 olímpicas (COMITÉ, 2006).

1.3.2 - Esportes Brasileiros

Assim como nas olimpíadas, o Brasil é um país que congrega uma miscigenação de raças e como consequência disto novos costumes se refletiram em criações tipicamente brasileiras. No campo dos esportes é possível mencionar a capoeira, surgida no século XVIII, através dos negros africanos, que ao fugirem das senzalas se escondiam nas "capoeiras" (mato que nasce na derrubada da mata virgem) e neste mesmo local lutavam pela sua liberdade contra os capitães-do-mato. A capoeira é uma das modalidades

mais antigas do país, que possui uma expansão considerável no Brasil e no mundo. (DUARTE, 2004).

O futebol de salão é outra criação brasileira, que nasceu nos anos 40, nas Associações Cristãs de Moços (ACMs). Foi profissionalizada pelo brasileiro Habib Mahfuz criador dos primeiros regulamentos, dos materiais adequados para a prática do esporte e divulgador dos seus conhecimentos à Argentina e ao Uruguai. Hoje o esporte popularizou e é disputado por milhões de atletas.

Embora pareça apenas uma brincadeira, o futebol de botão, é considerado um esporte e possui até uma competição mundial. “Nascida” no Brasil esta modalidade também é chamada de futebol de mesa.

Os nativos brasileiros também deixaram sua marca no esporte e inventaram a peteca, que é uma modalidade criada pelos índios tupis e reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos. *Pe`teka* vem do tupi e quer dizer bater. Historiadores confirmam que se joga este esporte desde os primeiros tempos do Brasil e que os índios daquela época o praticavam. (DUARTE, 2004).

1.4 - Origem do Futebol Brasileiro

O futebol foi introduzido no Brasil em 1894, pela iniciativa do paulista filho de ingleses, Charles Miller. (TOLEDO, 2000). No entanto, existem outras versões sobre como o esporte começou a ser praticado no país.

Uma delas defende que as primeiras partidas de futebol foram jogadas em Jundiaí (SP), em 1882, por funcionário da São Paulo Railway e também no Rio de Janeiro, por funcionários da estrada de ferro Leopoldina, no mesmo ano. (DUARTE, 2004).

Já outra versão divulgada por uma respeitosa série de estudos do padre José Manuel Madureira, afirma que a modalidade era praticada nos Colégios São Luiz, de Itu (SP) e Anchieta, de Nova Friburgo (RJ) na década de 80.

“No Colégio São Luiz, de Itu, estado de São Paulo, jogava-se futebol desde 1880”. A afirmativa é firme: quando não se praticava esse esporte em clubes.

O padre José Manuel Madureira também fala em futebol praticado no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, estado do Rio de Janeiro em 1886. A verdade é que os jesuítas estavam sempre querendo entreter os alunos, com os mais variados esportes e tinham contatos com a Europa, daí a fácil explicação. (DUARTE, 2004 p. 216).

Porém, a versão mais conhecida e tida popularmente como oficial é a de Charles Miller, que jogava futebol na Banister Cour School de Southampton, Inglaterra e trouxe de lá duas bolas, permitindo a prática regular do futebol e sua posterior divulgação e popularização no país.

Charles Miller não trouxe só as duas bolas. Trouxe também calções, chuteiras, camisas, bomba de encher a bola e a agulha. Foi o início dessa “loucura” que é o futebol entre nós. Foi um ótimo jogador, artilheiro, estimulador da prática do futebol, criador da jogada “charles”, que depois virou “chaleira”. Era um apaixonado “torcedor” do futebol, o responsável por tudo que aconteceu depois. (DUARTE, 2004, p.216).

O ano de 1933 foi marcado pela transição do regime amador para o profissional. Já em 1938, na 3ª edição da Copa do Mundo, o país ganhou destaque na imprensa estrangeira, em razão das excelentes performances dos jogadores brasileiros.

Polêmicas sobre o seu surgimento à parte, o futebol é o esporte mais conhecido, praticado e amado do Brasil. Talvez como consequência desta paixão nacional, “o país do futebol” como é conhecido, é o grande revelador e exportador de talentos deste esporte e é o único a ter participado das 17 Copas do Mundo e ter consagrado sua hegemonia como pentacampeão mundial.

2 - Esporte e Sociedade

“O esporte é o grande desafio do ser humano. O esporte ajuda a moldar a personalidade e o caráter, dando-lhe mais força. O esporte ensina que não existem super-homens, mas apenas humanos. O esporte é recuperação. O esporte é cultura.”
Orlando Duarte

2.1 - Valor Social do Esporte

2.1.1 - Educação

A prática esportiva nos é ensinada na infância, assim como a língua e a religião, e os valores humanos que são passados geralmente pela família, constantemente são lembrados no esporte (HELAL, 1990). Já são intrínsecos no atleta os princípios de respeito ao próximo, determinação e disciplina.

Após a queda da Grécia Antiga e da Idade Média, o mundo mudou e conseqüentemente o esporte também sofreu esse impacto. O mundo exigia homens diferentes e o educador e diretor da Escola Inglesa da cidade de Rugby, Thomas Arnold instituiu um novo conceito de esporte baseando-se no princípio da educação.

Acreditando que o esporte, além de esfriar tendências revolucionárias, desenvolveria nos alunos autoconfiança e senso de responsabilidade, Arnold introduziu uma reforma educacional que previa a prática regular de atividades físicas. Para Arnold, o adolescente freqüentava a escola não para ser disciplinado, mas para emancipar-se.

Os educadores encontraram na prática regular das atividades físicas a melhor maneira de motivar os estudantes, preparando-os para a vida adulta. Já havia conscientização de que o esporte era excelente meio educativo, atuando beneficentemente no complexo biopsicossocial. (LAURET, 1996 p.118)

Sendo assim, o esporte situou-se na metade do século XX, como um dos mais importantes fenômenos sociais do mundo, pelo seu alcance e por sua incorporação dos sentidos de educação e bem-estar social. Eis que surge o esporte como educação, funcionando como um mecanismo efetivo da formação de jovens como cidadãos, desenvolvendo valores em suas personalidades que serão fundamentais nos seus processos de emancipação na sociedade.(TUBINO, 2001)

O esporte educacional com finalidade de formação para a cidadania é aquele esporte apoiado nos princípios, em que a inclusão de todos reforça a democratização da prática esportiva. Com regras adaptadas, o importante é a formação e não tem responsabilidades diretas com o desenvolvimento de atletas. (TUBINO, 2001, p. 83)

2.1.2 - Alcance

O esporte é uma das instituições sociais mais sólidas do mundo moderno. Para se ter uma idéia, a *Federation International Football Association* (FIFA) reúne um número maior de nações afiliadas do que a Organização das Nações Unidas (ONU). (HELAL, 1990, p. 11).

Esta frase valida e comprova cada vez mais o valor social do esporte, pois através da prática do mesmo o ser humano desenvolve a consciência comunitária, se identifica socialmente, pratica e ao mesmo tempo oferece uma atividade prazerosa (para àqueles que o assistem) e exerce uma função de coesão social. (TUBINO, 2001).

O esporte é um dos poucos movimentos que tem o poder de derrubar barreiras de outras instituições. É possível constatar esta força em fatos ocorridos nas Olimpíadas e Copa do Mundo. Que evento, acompanhado por todo o mundo, conseguiu fazer com que norte-coreanos e sul-coreanos, num exemplo de aproximação e reconciliação entre os povos, desfilassem juntos e participassem dos Jogos de Sydney (2000) e de Atenas (2004), sob uma única bandeira? Ou que palestinos e israelenses se cumprimentassem com cordialidade, a não ser na Copa do Mundo? Mas não foi somente para a promoção da paz que estas barreiras foram ultrapassadas, pelo esporte.

As Olimpíadas, em função de sua visibilidade na mídia, serviram também de palco de manifestações políticas, desviando seu principal objetivo de promover amizade e a harmonia entre os povos. Nas Olimpíadas de Berlim (1936), o chanceler alemão Adolf Hitler, impulsionado pela idéia de superioridade da raça ariana, não compareceu à premiação do atleta norte-americano negro Jesse Owens, que ganhou quatro medalhas de ouro. Em outra edição das Olimpíadas ocorrida novamente na Alemanha em Munique (1972), os alemães preparam uma bonita festa e se empenharam em eliminar qualquer fato que evocasse a atmosfera dos Jogos de 1936. Não tiveram sucesso, pois onze atletas da delegação de Israel foram mortos por membros de uma organização palestina e, pela primeira vez, a bandeira olímpica foi hasteada a meio mastro, em sinal de luto. (GODOY, 1996).

Na Copa do Mundo de 50, o favorito Brasil perdeu a final contra o Uruguai, em pleno Maracanã. Mas a principal derrota ocorreu fora do campo quando alguns setores da elite nacional questionaram através de um discurso racista as qualidades dos jogadores de origem negra que integraram a seleção, os acusando

pelo “desastre” do dia 16 de julho. Barbosa, goleiro na ocasião, ficaria marcado pela intolerância racial. (ZAHAR, 2000)

Outros fatos como o boicote dos Estados Unidos, em plena Guerra Fria, aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) em protesto contra a invasão do Afeganistão pelas tropas soviéticas; e a revanche da União Soviética, em 1994, ao não participar das Olimpíadas de Los Angeles, alegando falta de segurança para a delegação de atletas soviéticos, demonstram o lado triste da manifestação política nestes eventos esportivos.

Curiosamente, nos Jogos da Antigüidade, os países abandonavam todo o conflito político-militar quando chegasse à época dos esportes. O próprio caráter internacional da competição teve início quando três reis de cidades-estado gregas assinaram um tratado de paz em Olímpia, prometendo enviar para lá, a cada quatro anos, seus melhores atletas, obrigando-se a trégua caso estivessem em guerra. O século XX fez com que essa tradição fosse invertida: os Jogos é que se interromperam quando as guerras estouravam, e isso ocorreu três vezes em 1916, 1940 e 1944. (GODOY, 1996). No entanto, ainda são vistas demonstrações de superação política proporcionada pelo esporte, como o que ocorreu na Copa da França (1998), com os Estados Unidos e o Irã.

A humanidade contemporânea, em sua maioria, gasta tempo e afeto dedicando-se aos esportes. Seja como praticante ativo ou passivo. Se tal premissa não fosse verdadeira provavelmente as Olimpíadas jamais iam ser consideradas o maior evento do mundo; uma final do Super Bowl não provocaria tamanha expectativa entre os norte-americanos; e no Brasil as ruas, casas e lojas não estariam todas enfeitadas de verde e amarelo, durante a Copa do Mundo, e uma final não provocaria tamanha emoção nos brasileiros.

O futebol no Brasil pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social. Através do futebol a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas. É nesse universo que observamos, com frequência, indivíduos cuja diversidade está estabelecida pelas normas econômicas e sociais da sociedade se transformarem em “iguais” através de um sistema de comunicação que os leva a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, praias e escritórios. (HELAL, p. 25)

Os homens participam e exaltam o esporte, não só pelos valores adquiridos por ele ou entretenimento que é oferecido, mas pela possibilidade de

identificação que é proporcionada através dele. O ser humano reconhece a si próprio dentro do esporte e por isso a sua função social é de extrema importância.

2.2- Esporte como construção do cidadão

Já está mais que comprovado que o esporte é um dos meios mais eficientes para a inclusão social. Através dele o "marginal", seja ela o menino de rua, o drogado, o deficiente físico ou mental, o negro, o pobre, aprende valores, resgata sua auto-estima e cidadania.

Adhemar Ferreira da Silva foi um dos maiores triplistas que o atletismo mundial possuiu e é considerado até hoje pelos especialistas, o maior fenômeno da história do salto triplo. Filho de uma lavadeira e de um ferroviário, o atleta conseguiu superar sua condição de negro e pobre, em plena década de 50, e ganhou duas medalhas de ouro no salto triplo nos Jogos Olímpicos de 1952 em Helsinque (Finlândia) e 1956 em Melbourne (Austrália). Através do esporte ele transcendeu a sua realidade, escreveu definitivamente seu nome na história do esporte olímpico e resgatou seu papel como cidadão na sociedade. Adhemar Ferreira é inspiração de muitas crianças que querem seguir a carreira no atletismo ou simplesmente gostam de praticar o esporte.

Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, é considerado o melhor jogador do mundo da história do futebol. Vindo de origem humilde e filho de uma dona de casa e de um soldado militar e centroavante sem time fixo, Pelé não só foi reconhecido como Atleta do Século de todos os esportes e eleito como o Melhor Jogador de Futebol de Todos os Tempos, pela FIFA, como exerceu a função de Ministro dos Esportes no Brasil e se formou, em 1974, como educador físico, pela Universidade Metropolitana de Santos (SP). Todas estas oportunidades e possibilidades de vivência foram-lhe proporcionadas, graças ao contato com o esporte. Sem o futebol dificilmente ele conseguiria concluir o nível superior.

Reconhecido no domínio público -inclusive por outros povos - como uma manifestação cultural que revela nosso jeito, malícia, alegria ou ginga, o futebol protagonizou os contornos de um processo de identificação construído e engendrado por esses diferentes agentes sociais em interação. A distinção social foi paulatinamente transfigurada em símbolo de um processo de identificação de nacionalidade experimentado pelos mais variados grupos sociais em todo o país. Futebol: símbolo brasileiro que

ultrapassa as fronteiras nacionais, tal como se nota através da notoriedade alcançada por inúmeros jogadores, sobretudo Pelé que condensa na imagem de "atleta do século" o estilo brasileiro de jogar. (TOLEDO, 2000, p.8 e 9).

Por ser negro, Pelé sofreu, durante a sua carreira, ofensas racistas, mas como conseqüência da postura de orgulho e defesa da sua raça no futebol, ele conseguiu amenizar um pouco o preconceito latente daquela época.

Nenhum preto, no mundo, tem contribuído mais para varrer barreiras raciais do que Pelé. Tornou-se o maior ídolo do esporte mais popular da Terra. Quem bate palmas para ele bate palmas para um preto. Por isso Pelé não mandou esticar os cabelos: é preto como o pai, como a mãe, como a avô, como o tio, como os irmãos. Para exatá-los, exalta o preto. Por isso é mais do que um preto: é 'o Preto'. Os outros pretos do futebol brasileiro reconhecem-no: para eles Pelé é "o Crioulo". (FILHO, 2003, p.16)

Pelé não só transcendeu as condições de sua vida, como ao próprio futebol quando conseguiu interromper temporariamente a guerra civil no Congo Belga, entre Nigéria e Biafra, em 1969, durante uma excursão pela África, em que o Santos jogou duas partidas de exibição. Os dois países fizeram uma trégua na guerra para assistir à exibição do "Rei do Futebol".

Daiane dos Santos é outro exemplo de uma grande quebra de paradigma. A atleta negra, mulher e brasileira, conseguiu levar o Brasil ao lugar mais alto do pódio, em uma modalidade que até então não era tão divulgada no país: a ginástica artística. Daiane não só ganhou como impôs o seu "jeito brasileiro de ser" nas competições. Hoje não há quem não a aplauda quando vê suas apresentações no solo, ou associa diretamente seu nome quando escuta a música "Brasileirinho" de Waldir Azevedo. Daiane não só se tornou uma campeã mundial, como marcou definitivamente e literalmente seu nome na história do esporte, ao se transformar na autora do salto duplo *twist* carpado (um dos mais difíceis da modalidade), mas conhecido como "Dos Santos".

Para a ginasta, o esporte é algo fundamental para a construção do ser humano. Através da prática do mesmo ela aprendeu a conviver com o próximo e respeitá-lo, ser um bom exemplo, e dar um bom exemplo para as outras pessoas.

O esporte abre portas para as pessoas, para aquela criança que às vezes não tem uma hora de lazer. O esporte pode ser considerado um lazer na hora que ela vai poder brincar um pouco, que ela pode ter esta forma lúdica de ver a vida, que a vida dela não é só tristeza, não é só trabalho,

que a vida dela não é só pobreza que ela pode encontrar amigos. Acho que tudo isto o esporte traz: o prazer interno para a pessoa ficar de bem consigo mesma. Ela pode até não ser um grande atleta, mas o prazer que o esporte traz é incomparável é maravilhoso, salva e resgata vidas. (SANTOS, 2006 ¹)

Se hoje o cidadão brasileiro se identifica com as características de uma corrida na pista ou partida de futebol, e com os valores que a atividade física transmite, é em muito pela razão do que o esporte fez com estes e outros grandes atletas e também ao que eles retribuíram ao esporte.

¹Entrevista concedida à autora, pela atleta Daiane dos Santos, em abril de 2006.

3 - A função social do jornalismo esportivo.

“As melhores horas que vivi e vivo foram proporcionadas pelo esporte. Continuo a fazer esporte, escrever sobre esporte, comentar sobre esporte e estimular, em todos, de todas as idades, o interesse em praticar esporte”. **Orlando Duarte**

3.1. Jornalismo Esportivo e TV.

3.1.1 – História e Dimensão

“Homero, em 1200 a.C., faz versos para retratar os Jogos Fúnebres, no Canto XXIII da *Ilíada*, sua obra sobre a Guerra de Tróia, que se completa com a *Odisséia*. Seria ele o primeiro “repórter esportivo?” (DUARTE, 2004, p.13). Assim como existiu um homem para praticar o esporte veio também o outro para registrar a atuação do mesmo.

Os primeiros anos de cobertura esportiva no Brasil foram difíceis. Os jornais não valorizavam o esporte e muitos acreditavam que uma matéria sobre futebol, pudesse justificar meia página de matéria.

Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. (...) Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (...)A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – isso se verifica também nas de hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. (COELHO, 2003, p. 7 e 9)

O jornal *Fanfulha*, em 1910, foi um dos primeiro veículos no Brasil a divulgar notícias sobre esportes, mas sem muito alcance. Nos anos 30 surgiu no Rio de Janeiro o primeiro jornal exclusivamente dedicado aos esportes, *Jornal dos Sports*, cujo fundador foi o grande jornalista Mário Filho. (COELHO, 2003). Nesta mesma década, na Copa de 1938, o Brasil apareceu como destaque na imprensa internacional e isso começou a despertar o interesse pela divulgação do esporte. Só no fim dos anos 60, que os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. “(...) em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro”. (COELHO, 2003).

O ano de 1970 não só marcou o futebol com a terceira conquista da Copa do Mundo no México, como a história da televisão brasileira que, pela primeira

vez, ofereceu aos seus telespectadores uma transmissão ao vivo do mundial, aumentando cada vez mais o interesse pelo espetáculo do futebol.

O público acompanhou em tempo real cada drible, cada lance, cada gol dos principais times do mundo e da “seleção canarinho”, apelido criado pelo locutor Geraldo José de Almeida. (...) Durante as transmissões dos jogos e boletins, a Rede Globo alcançou altos índices de audiência. O jogo contra a Inglaterra, exibido em 10 de junho, por exemplo, atraiu mais telespectadores do que a transmissão da chegada do homem à Lua no ano anterior. A notícia de que os jogos seriam exibidos ao vivo pela televisão provocara uma corrida às lojas de eletrodomésticos, que venderam milhares de televisores nos meses que antecederam à Copa. (ZAHAR, 2004, p.56).

Embora o jornalismo esportivo brasileiro, no início tenha enfrentado dificuldades para estabelecer a sua importância na sociedade, o esporte sempre presença marcou pela paixão e interesse das pessoas. Ronaldo Helal (1990), exemplifica a dimensão alcançada pelo esporte, justificando que tanto em uma estação de metrô de Nova Iorque bem como em Londres, Paris, Roma, Lisboa, Moscou, Buenos Aires, São Paulo, ou em qualquer outro grande centro urbano do mundo, é perceptível que a seção de esportes dos grandes jornais é a mais lida.

3.1.2 – Televisão

A força da televisão e, especificamente, do telejornalismo é gigantesca. Tal afirmação é comprovada quando constatamos que muitos lares brasileiros não possuem geladeira, mas a televisão dificilmente falta. “Uma enquête realizada pelo jornal *O Estado de São Paulo* revela que o paulistano não desgruda o olho da TV” (LEAL, 1996, p.4 apud PEREIRA, 2000, p.9). Os noticiários televisivos ocupam um espaço significativo na rotina das pessoas e um papel importante de construtor da realidade.

No final dos anos 60, o esporte não era um dos assuntos principais para o jornalismo da Rede Globo, embora fosse pauta de algumas matérias eventuais.

Não existia uma cobertura esportiva completa e muito menos uma equipe estruturada. Após a transmissão, ao vivo, da Copa de 70, no México, a Globo passou a preocupar-se mais com essa questão e em seguida fez a cobertura das Olimpíadas de Munique, em 1972. No ano seguinte, o jornalismo esportivo se fortaleceu com a criação da Divisão de Esportes, que tinha como proposta a melhoria da cobertura de outras modalidades esportivas, além do futebol. (ZAHAR, 2004).

Atualmente, a TV Globo mantém o monopólio das transmissões esportivas, ao comprar todos os direitos de transmissão das diversas competições. Isso comprova a relevância que o esporte conquistou.

O esporte de rendimento passou a constituir-se num grande show de televisão. O número de adeptos ou aficionados esportivos passivos aumenta em percentuais comparando-se com os ativos, ou praticantes. É paradoxal, pois os valores de prática esportiva são muito mais difundidos, principalmente pela própria mídia, do que antigamente.

Uma das maiores influências da mídia sobre a prática esportiva é o fato da TV, principalmente, recair sobre alguns tipos de esportes, de acordo com seus interesses comerciais. Este fato tem provocado maior incidência da prática nestas modalidades esportivas mais contempladas e ao mesmo tempo uma redução gradativa nos esportes que não sensibilizaram a mídia. (TUBINO, 2001, p.85).

Com o advento da televisão e o interesse da mesma pelo esporte, este ganhou maiores dimensões. O telespectador hoje pode acompanhar um saque de voleibol em Cuba, ver um velocista quebrar o recorde numa corrida de 100m nos Estados Unidos, “saltar” um duplo twist carpado junto com a Daiane dos Santos, torcer e sofrer pelos seus times de futebol no Brasil, enfim, fazer parte do espetáculo mundial do esporte. (DUARTE, 2004).

3.2. A imprensa e a visão social sobre o esporte.

Mário Filho (1908- 1966) foi um dos principais e mais competentes jornalistas esportivos que nosso país teve. Tão grande foi a importância dele, que o maior estádio de futebol do Brasil, é batizado com o seu nome, Estádio Mário Filho (mais conhecido como Maracanã). O jornalista fundou na década de 30, no Rio de Janeiro, o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país, *O Jornal dos Sports*, e foi também foi o pioneiro a discutir a questão social do futebol e a abordar, de forma crítica, o lado humano do esporte.

Filho (2003) discutiu o preconceito de raça nos campos e escancarou a hipocrisia existente entre jogadores e sociedade na época.

Basta lembrar que a derrota do Brasil em 50, no campeonato mundial de futebol, provocou um recrudescimento do racismo. Culpou-se o preto pelo desastre de 16 de julho. A prova estaria naqueles bodes expiatórios, escolhidos a dedo, e por coincidência todos pretos: Barbosa, Juvenal e Bigode. É verdade que o brasileiro se chamou de sub-raça. Éramos uma raça de mestiços. Mas o brasileiro, inconscientemente, idealizou um ídolo à imagem e semelhança de Obdúlio Varela, *El Gran Capitan*, por sinal um mulato uruguaio. Se o Brasil se tornasse campeão do mundo, (...) o ídolo nacional seria, naturalmente como sempre fora, um mulato ou um preto.

(...) Quando o brasileiro acusou Barbosa, Juvenal e Bigode, acusou-se a si mesmo. O futebol não seria paixão se o povo não se identificasse

com um time. No fundo o torcedor quer que o jogador seja melhor do que ele.(...) A derrota do jogador é a derrota do torcedor. (FILHO, 2003, p. 16-17)

Hoje ainda são vistas manifestações de racismo no futebol a exemplo do jogador do Barcelona, o camaronês Samuel Etoo, que vem sofrendo constantemente agressões verbais dos torcedores espanhóis. E é em momentos como este, onde os valores humanos estão sendo desrespeitados, que toda imprensa esportiva deve exercer o seu papel de comunicadora social e veicular constantemente matérias críticas para informar a sociedade e fazer com que a mesma reflita e passe a tomar uma postura frente a esses acontecimentos.

O jornalismo esportivo só cumpre seu papel social quando o jornalista divulga matérias, em que mostra que o esporte faz as pessoas crescerem nas dimensões da saúde ao caráter, que qualquer ser humano que estiver à margem da sociedade, pode resgatar sua auto-estima com a prática esportiva e através dos princípios transmitidos se tornar uma excelente pessoa e profissional em qualquer área. Quando além de mostrar os resultados de jogos e campeonatos, o repórter aprofunda a notícia no cenário esportivo.

No subcapítulo anterior foi mencionado o poder e alcance que a televisão possui. No caso de programas esportivos, a dimensão aumenta pela força que o esporte possui de encantar as pessoas. No entanto, a imprensa esportiva, em sua maioria, é pautada pelo espetáculo em si do que pela educação e responsabilidade social. Um programa de comunicação social na mídia brasileira que tivesse como proposta a participação política da sociedade civil como meio de encaminhamento positivo para a solução dos graves problemas brasileiros e busca da consciência cívica nacional, é o que poderia ser chamado de realização da função social do jornalismo. (MARANHÃO, 2003).

A proposta de um programa de televisão – a TV Cidadão – seria evidentemente suprapartidário e de uma produção independente. Todavia, poderia ocupar um espaço de ampla audiência a partir de um convênio entre o sistema governamental de televisão educativa e organizações de televisão privada, com o objetivo de se integrarem numa ação de comunicação efetivamente de âmbito nacional e cobertura eficiente de audiência. (MARANHÃO, 1993, p.105)

O Brasil, na condição de ser um país que possui uma das maiores populações televisivas do mundo, não explora este potencial para a realização de um produto de real mobilização social e se limita à função de entreter, a exemplo

das telenovelas, “como um lazer ficcional e eventualmente alienante e o noticiário que, mesmo na tendência moderna de editar os comentários, ainda se obriga cobrir, sobre a informação dos poderes constituídos e distantes da vida real e cotidiana do cidadão”. (MARANHÃO, 1993, p.106)

O jornalista tem o dever prioritário de relatar fatos e informar de forma crítica para a sociedade e não em favor dos interesses das grandes corporações. Claro que esta é uma questão complexa, até mesmo porque estes profissionais precisam obedecer “as regras dos jogos” para se manterem no mercado. É óbvio que a notícia esportiva tem que estar ligado à beleza do seu espetáculo e resultados que move milhões de apaixonados, mas se limitar somente a esta vertente é fechar um leque de temas ricos que envolvem o esporte.

4 - Análise da notícia: Cobertura Jornalista Esportiva Globo Esporte / Esporte Espetacular.

“A única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte”.
Paulo Vinícius Coelho

Este trabalho analisou os programas esportivos, Esporte Espetacular e Globo Esporte, baseando-se em uma amostra de 15 edições veiculadas pela Rede Globo de Televisão durante os dias 30 de abril a 15 de maio de 2006.

O programa Globo Esporte aborda mais os resultados dos jogos e informação das competições e o Esporte Espetacular, por ser um programa semanal com mais tempo de transmissão, prioriza as grandes reportagens e transmissão de eventos esportivos.

Como se trata de dois programas especializados, esta análise pretende identificar a função social do jornalismo esportivo, já que o esporte, além do alto rendimento e competição, possui uma dimensão educativa, cultural e cidadã.

4.1 - Apresentação dos programas

Esporte Espetacular é uma revista eletrônica semanal de esportes, exibida pela Rede Globo nas manhãs de domingo. O programa estreou no dia 08 de dezembro em 1973, inspirado no *Wide World of Sports*, exibido pela rede americana ABC. Com 33 anos de existência o Esporte Espetacular sempre teve como proposta a divulgação do espetáculo dos esportes e competições de modalidades aos quais a mídia dá pouca divulgação, como ginástica olímpica, hipismo; esportes radicais, assim como em reportagens que abordassem com mais profundidade um acontecimento esportivo. O programa apresentado por Luiz Enersto Lacombe, Dani Monteiro, Lica Oliveira e Glenda Kozlowski, também transmite ao vivo jogos de vôlei, natação, triathlon, atletismo, entre outros, quando estes acontecem aos domingos no período da manhã. (PROGRAMA ESPORTE ESPETACULAR, 2006)

O Globo Esporte é um telejornal esportivo exibido pela Rede Globo na hora do almoço de segunda-feira a sábado. Foi ao ar pela primeira vez, em 14 de agosto de 1978, substituindo o programa Copa do Brasil. Léo Batista apresentou a primeira edição e até hoje continua como um dos âncoras. O programa é extremamente centrado no futebol, veiculando reportagens principalmente sobre este esporte, embora dê espaço para outras modalidades, mas sem o mesmo destaque. O Globo Esporte tem duas edições: uma nacional e outra, local, exibida

pelas retransmissoras. Mylena Ciribelli é a apresentadora titular no Rio de Janeiro, onde é produzido o programa, transmitido nacionalmente, para todos os estados brasileiros, com exceção de São Paulo. Em 2001, o Globo Esporte mudou o formato e adotou um estilo marcado pela busca de criatividade e leveza nas matérias, na tentativa de alcançar tanto os telespectadores apaixonados e os que não se interessam muito pelo esporte. (PROGRAMA GLOBO ESPORTE, 2006).

4.1.2 – Domínio

A Rede Globo de Televisão, desde o final dos anos 90, detém os direitos sobre as transmissões das principais competições de futebol. A emissora também mantém a exclusividade sobre a transmissão das prova de Fórmula 1, ao comprar todos os anos, desde a década de 1980, o direito de transmissão do principal campeonato do automobilismo mundial.

4.2- Análise de conteúdo dos programas

4.2.1. O futebol como hegemonia

Durante o período de 30 de abril a 15 de maio, foram veiculadas 149 notícias esportivas dentre matérias, notas, enquetes, charges, transmissões nos programas Globo Esporte e Esporte Espetacular. Deste total, cinco foram dedicadas ao vôlei, quatro à Fórmula 1, duas à ginástica artística, duas aos esportes radicais, cinco à vela, uma ao surf, duas ao tênis, uma ao rope Skkinp (pula corda), oito à propaganda do Pro Rad (novo programa de esportes da Globo), uma aos Jogos Pan Americanos, seis à chamadas do programa Esporte Espetacular, sete ao atletismo, uma à natação e 104 ao futebol. Sendo que deste total de 104 (o que significa 69,79% das notícias veiculadas), 41 foram voltadas para evento da Copa do Mundo.

Através destes dados, tem-se mais uma vez a confirmação da supremacia do futebol nos noticiários esportes. De acordo com Paulo Vinicius, é notável a separação da equipe que se dedica ao futebol da que cobre outras modalidades, nas editoria de esportes (COELHO, 2003).

Quem cobre basquete também faz vôlei, atletismo, boxe, etc. Mesmo que se dedique com mais afinco a um só esporte. Mas como ser especialista em basquete se é preciso também acompanhar atletismo? E como tornar-se *expert* em atletismo se só for possível fazer uma matéria sobre o assunto na proximidade de alguma grande competição? O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. (...) O que explica o aparecimento de atletas como

comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso. (COELHO, 2003, p.36-37).

Segundo o editor de esportes do jornal Correio Braziliense, Paulo Rossi, é improvável a mídia esportiva não priorizar o futebol, tendo em vista a importância que a sociedade brasileira dá a este esporte.

Não há como fugir do domínio do futebol. Vivemos na pátria de chuteiras, que busca o hexa na Copa do Mundo. O futebol sempre será o esporte mais popular, e a mídia reflete essa preferência do público. Mas esportes como vôlei, basquete, tênis, atletismo e automobilismo sempre mereceram e merecerão espaços nobres. Outras modalidades têm crescido muito, como natação, ginástica, vela e esportes radicais. (ROSSI, 2006²).

Tal preferência encontrada também no jornalismo é o reflexo do que a sociedade se interessa e gosta de ver no esporte. Esta paixão talvez seja justificada pela expressão cultural que o futebol tem de revelar o jeito, a ginga e a alegria do povo brasileiro (TOLEDO, 2000). Conforme foi mostrado nos capítulos anteriores, o cidadão brasileiro se identifica com o futebol, por isso ele é tão amado e divulgado.

Se hoje o futebol tem a possibilidade de ser percebido e vivido como um relevante índice de identificação de grupos sociais distintos, mobilizando um grande sentimento coletivo a cada Copa do Mundo, isso foi resultado da apropriação inventiva, negociada, confrontada e conquistada pelos diversos agentes mobilizados em torno de sua prática ritual e cotidiana (TOLEDO, 2000, p.8).

A presença do futebol na sociedade brasileira é tão impositiva que, muitas vezes, aquele que não se liga ou não torce por algum time, de certa forma, é visto como uma pessoa não integrada aos outros.

Você já notou, por exemplo, como a sociedade brasileira acha estranho um homem não gostar de futebol? E que faz parte de qualquer apresentação do currículo de um presidente da República, ao ser empossado no cargo, especificar com clareza o seu time de futebol? Caso ele não torça por time nenhum, os seus assessores tratam logo de lhe arrumar um. Isto ocorre porque "pega mal", no Brasil, um homem não gostar e nem torcer por um time de futebol. (HELAL, 1990, p.13)

Além ser tema da maioria das matérias, 69,9% , da amostra, o futebol, nos dias 06, 08, 10 e 12 de maio do Globo Esporte, também ocupou o espaço na totalidade de alguns blocos dedicados inteiramente à transmissão de notícias sobre esta modalidade.

²Entrevista concedida à autora, pelo jornalista Paulo Rossi, em maio de 2006.

4.2.2 - Critério de noticiabilidade

Os critérios de avaliação usados, no telejornalismo, pelos editores para definir o que vai compor a matéria são: a notícia tem que ser factual e tem que despertar o interesse das pessoas. Além disso, a notícia precisa atingir o maior número de pessoas, ser uma novidade, ter um personagem e ser inusitada. Outro aspecto que é tido como fundamental é a matéria possuir imagens boas e impactantes.(PEREIRA, 2000). “Pois nem todo brasileiro decodifica um texto, mas todo brasileiro decodifica uma imagem”. (PEREIRA, 2000, p. 105).

Nos programas analisados neste trabalho, é visível, em sua maioria, a veiculação de matérias voltadas para os resultados dos jogos e eventos esportivos de maior interesse das pessoas. Reportagens que falem sobre a vida pessoal de um atleta são um dos gêneros preferidos do público. As imagens, graças à plasticidade que o esporte proporciona, são belas e mexem com o telespectador. O velho culto à celebridade, que neste caso, são as “estrelas” do esporte, é explorado pela televisão e dá retorno para a mesma. Em razão deste apreço do público, as matérias mostram como é a casa do Ronaldinho Gaúcho, o dia-a-dia do craque na Espanha, os seus hobbies favoritos, etc.

O mercado da televisão, infelizmente priorizou e sedimentou os critérios de entretenimento e do espetáculo, ao invés de pautar-se nas questões educativas e culturais. (PEREIRA, 2000).

4.3. Análise qualitativa do material

4.3.1 - O esporte como espetáculo na TV

A televisão é uma janela para o mundo e, por meio da imagem leva o telespectador a visualizar os fatos mais importantes da atualidade e entender a realidade que o cerca. Nos esportes, o telespectador tem a oportunidade de acompanhar o que existe de melhor no esporte. Tem-se como melhor o que mais é aplaudido, visto, exaltado e não necessariamente o que existe de mais importante e valioso no esporte.

Reportagens sobre a Copa do Mundo; transmissões da final do campeonato brasileiro de vôlei feminino, onde a levantadora Fernanda Venturini vai

se despedir de sua carreira; série especial sobre a vida pessoal do melhor jogador de futebol do mundo da atualidade, Ronaldinho Gaúcho; apresentação da nova coreografia de Daiane dos Santos; muitas, muitas, muitas matérias sobre o futebol, de todos os tipos: desde resultados dos jogos do campeonato nacional e sobre o técnico do time Atlético de Madrid (seis minutos de duração), até sobre o jogador que é considerado o novo galã do momento. É este gênero de matérias que domina o espaço dos programas de esportes.

Matéria sobre a grama que será utilizada nos campos do Mundial, sobre os uniformes que os atletas brasileiros vão usar na Copa e sobre a cerveja que será consumida na Alemanha (três minutos de duração). Enfim, o show substitui o jornalismo.

Hoje estabelece uma relação inseparável, de total promiscuidade com o grande capital, transformando-se numa verdadeira indústria de manipulação de consciências. Mostra, com exemplos e fatos indiscutíveis, como a velocidade com que as informações são fabricadas e transmitidas tornou-se mais importante do que a veracidade da notícia.(...). Nada é aprofundado, discutido, pensado. (...) O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a um sociedade esfacelada e dividida. É a forma mais elaborada de uma sociedade que desenvolveu ao extremo o “fetichismo da mercadoria” (felicidade identifica-se a consumo). (ARBEX, 2001, p.16;69)

Tudo isso deve-se ao fato de que o espetáculo rende muito mais na mídia. O esporte de alto rendimento é também o esporte das belas imagens. Algumas pessoas chegam até a comprar pacotes especiais das televisões fechadas para testemunhar esse grande show.

Tal premissa da super valorização do esporte é tão verdadeira que no dia 15 de maio de 2006, a Globo interrompeu a programação normal da televisão, para transmitir, durante 40 minutos, o pronunciamento do técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, sobre a escalação dos jogadores para a Copa do Mundo e a posterior coletiva realizada com a comissão técnica da seleção. O Brasil parou nas vitrines das lojas que vendem produtos eletrônicos, para assistir o evento. Isso não só comprova a paixão pelo futebol, mas a força do espetáculo esportivo.

4.3.2 – Questões sociais na reportagem esportiva

Uma das vertentes mais importantes do esporte é o alcance e poder de transformação social que ele exerce nas pessoas que o praticam ou o assistem.

A mídia como a grande divulgadora dos acontecimentos deveria atentar para esta questão, dando o seu merecido aprofundamento e importância.

No presente trabalho, foi constatado que das 149 notícias veiculadas, somente seis matérias foram voltadas para as questões sociais. Abaixo segue a descrição das mesmas com pontuações:

1) Reportagem sobre o documentário que dois brasileiros fizeram sobre o jogo da paz entre Haiti e Brasil no ano de 2004 e sobre a paixão que este povo tem pelos jogadores brasileiros. A matéria aborda a questão da paixão e o técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, mostra que este tipo de manifestação só foi vista no Brasil quando o país ganhou a Copa. Fala sobre como a seleção local foi totalmente ignorada pela imprensa e que só apareceu nas fotos dos jornais porque estava ao lado da melhor seleção do mundo. A matéria revela também como os haitianos se amontoavam para ver o jogo em poucos aparelhos de televisão que existem no país. *Veiculada no Esporte Espetacular, em 30 de abril de 2006.*

2) Segunda série de reportagens com Ronaldinho Gaúcho. Desta vez a reportagem aborda um tema social que é o racismo recorrente nos campos da Espanha e cita os artigos I e II da Declaração Universal de Direitos Humanos. O jogador fala sobre o ato de racismo contra o seu companheiro de time, Samuel Eto'o, recorrente nos campos da Espanha e sobre sua expectativa para a Copa. *Veiculada no Globo Esporte, em 3 de maio de 2006.*

3) Nota de 25 segundos, sobre novo recorde mundial nos 100m nado livre do paraatleta Clodoaldo Silva. *Veiculada no Globo Esporte, em 06 de maio de 2006.*

4) Reportagem sobre as consequências da violência ocorrida no dia 27 de abril no estádio do Pacaembu, no jogo entre Corinthians e River Plate, entre a torcida organizada do Corinthians. Autoridades tomaram providências sobre a entrada de torcidas organizadas no estádio de futebol em São Paulo e as partidas seguintes foram transferidas para estádios do interior paulista. *Veiculada no Globo Esporte, em 06 de maio de 2006.*

5) Reportagem sobre a história de superação da atleta havaiana de 17 anos que é deficiente física. Bethany Hamilton perdeu o braço com uma mordida de tubarão, quando estava surfando. A surfista não desistiu do esporte, continua pegando ondas e disputa campeonatos. Bethany é hoje inspiração para várias

pessoas. Teve a sua história publicada num livro e é dona de uma marca de perfume. *Veiculada no Esporte Espetacular, em 14 de maio de 2006.*

6) Reportagem sobre o campeonato de tênis para cadeirantes (paratletas), que aconteceu em Brasília. São mostrados depoimentos de músicos paráliticos famosos, como Herbert Viana, falando sobre o evento. O 1º do ranking do Brasil na categoria é citado. *Veiculada no Esporte Espetacular, em 14 de maio de 2006.*

Nestas matérias são abordados temas sociais, como a violência, racismo, dimensão do futebol e deficiência física. Assuntos pertinentes que envolvem o esporte são mostrados, inclusive como a mídia ignorou a seleção de futebol do Haiti, simplesmente por não ser vencedora de nenhum título expressivo. O jornalismo esportivo, nestes casos, cumpriu com o seu dever de comunicar sobre a sociedade e para a sociedade, mesmo que de uma forma muito pequena (4,02% do total de notícias analisadas).

A mídia deveria cumprir uma função social, da maior relevância, como instrumento de informação cultural, debate e crítica em consonância com os mais legítimos interesses da nação. (ARBEX, 2001, p.17).

No entanto, ao comparar as notícias que não possuem um grande interesse público, estas tiveram uma maior veiculação. A exemplo das oito matérias de propaganda do novo programa de esportes da Globo, o Pro Rad, e das seis matérias de chamadas do Esporte Espetacular. Arbex, explica este processo ao falar que mídia atual “não se limita a reportar as notícias. A televisão tornou-se parte dos eventos que ela cobre” (2001, p.98).

A pouca abordagem social da mídia esportiva não é somente assustadora como um desperdício da oportunidade de inteirar a sociedade sobre a importância do esporte como instrumento de transformação. A resposta adotada pelos jornalistas em relação às escolhas das pautas tenderem a certas modalidades é justificada pelo fato da população interessar-se por esses assuntos. Mas será que este interesse surge porque as matérias são constantemente divulgadas ou as matérias são divulgadas porque existe interesse? “Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”.

O gosto ou a paixão por um determinado esporte não existe naturalmente em nosso “sangue”, como supõe o senso comum. Ele existe na coletividade, em nosso meio social que nos transmite esse sentimento da mesma forma que a escola nos ensina a ler e escrever. Sendo assim, o primeiro passo para uma compreensão sociológica dos esportes no mundo moderno é encará-lo como um fato social, isto é, como algo socialmente construído,

que existe fora das consciências individuais de cada um, mas que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes. (HELAL, 1990, p. 13-14).

Cabe lembrar que, no início do século XX, o futebol não era o esporte preferido do brasileiro e sim o remo. A paixão pelo futebol é também o resultado da construção da mídia.

De acordo com os artigos 1º e 9º do Código de Ética dos Jornalistas “O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse. E é dever do jornalista, divulgar todos os fatos que sejam de interesse público”. (CÓDIGO, 1985). No entanto estas normas não são concretizados na prática. A rede Globo só veicula com um maior destaque o esporte como educação, quando promove eventos como “Ação Global” e “Amigos da Escola”, que fortalecerão sua marca como “ato de responsabilidade social” e não pelo real interesse público.

A televisão, especificamente o telejornalismo, tem uma participação significativa na construção da realidade das pessoas e na formação de identidades.(PEREIRA, 2000). Por isso, toda e qualquer veiculação que aborda temas sociais no esporte, é essencial para a conscientização da sociedade de como a atividade esportiva pode transformar o seu contexto de vida.

5 - Considerações Finais

O esporte pode ser visto como um meio de construção social e histórico de sujeitos com diferentes projetos e visões de mundo. Possui também o significado crescente na configuração da vida dos indivíduos e constitui um “habitat” natural para o surgimento dos mais distintos valores, mesmos daqueles que em desacordo com a ética.

Entre as indústrias culturais, a televisão ocupa uma posição de destaque do século XX. Hoje é vista como um dos instrumentos que mais pode influenciar a população.

As instituições jornalísticas que ocupam um lugar central do desenvolvimento do capitalismo brasileiro devem estar em constante vigilância pela sociedade, uma vez que cumprem uma função relevante na construção da sociedade. (PEREIRA, 2000, p.127).

Tendo como base estes conceitos, foi realizada neste trabalho, uma análise da notícia tendo como questão primordial avaliar se o jornalismo esportivo cumpre sua função social. Neste estudo de caso obteve-se como resultado que o jornalismo esportivo televisivo prioriza a veiculação do esporte como espetáculo e a história dos vencedores do que a dimensão educacional e social. Logo ele despensa pouca atenção aos vencedores na vida.

Tal comprovação é verificada quando observa-se que o programa Globo Esporte veiculou durante 3 minutos uma matéria que falava sobre a cerveja que será tomada na Copa do Mundo da Alemanha e 25 segundos sobre o novo recorde mundial do nadador paraatleta Clodoaldo Silva. Além disto, o número de matérias de cunho social correspondeu a 4,2% do total de notícias analisadas.

De acordo com o jornalista José Cruz³, os especialistas em marketing dizem que “esporte provoca emoções e emoções vendem”. O espetáculo e os vencedores das grandes competições esportivas tem espaço na mídia, porque a notícia é vendável. E isso gera lucro, para as grandes empresas que patrocinam estes eventos. Para essas corporações, seus patrocinados precisam vencer, pois vinculam a vitória às marcas dos patrocinadores e isso ocupa privilegiado espaço na mídia (2006).

O Brasil possui mais medalhas paraolímpicas do que olímpicas, 132 conquistadas por paratletas (CPO, 2006) contra 76 conquistadas por atletas, mas isso não é divulgado. Já no futebol observa-se que a maioria dos brasileiros sabe que o Brasil é pentacampeão, mas se for lançada à mesma pergunta em relação a

³Entrevista concedida à autora, pelo jornalista José Cruz, em maio de 2006.

quem detém mais medalhas no Brasil: os atletas olímpicos ou paraolímpicos, provavelmente grande parte terá dúvidas ao responder.

O jornalismo e os meios pelos quais ele é produzido preferem priorizar a notícia do esporte espetáculo, por ele ser mais rentável, do que exercer a sua função essencial de comunicar para a sociedade. Claro que é importante saber os resultados das maiores competições, mas existem outros eventos relevantes do ponto de vista social.

Entende-se comunicar para a sociedade como informar aquilo que realmente é de interesse público e que pode ser transformado em conhecimento.

Por que não é possível realizar um jornalismo que se assemelha à história do corredor Pheidippides, que venceu pelo coletivo e não pelo seu reconhecimento? Por que não é possível a divulgação dos vencedores em competições juntamente com os vencedores da vida? O esporte é tão rico, grandioso, atinge tantas dimensões, para somente ser visto sob a ótica de uma perspectiva.

O esporte além de ser expressão da educação e cultura, é gerador de qualidade de vida. Sozinho não é capaz de fazer qualquer transformação social, mas em conjunto com outras instituições pode revolucionar a realidade existente.

Os profissionais do jornalismo, não só o esportivo como geral, devem refletir sobre sua função social. Os princípios de informar democraticamente a todos, servir como instrumento de voz da sociedade e realizar a verdadeira comunicação social, nunca devem ser perdidos, mesmo inserido em um mercado que dificulta a realização deste ideal. É necessário pensar em novos mecanismos para a realização do dever primordial destes profissionais.

O jornalismo, assim como esporte, sofre influência da sociedade e a influencia, e tem o poder e o dever de grande importância: o de contribuir para a transformação e a construção de uma sociedade melhor.

6 - Referências

ARBEX, José Junior. Showrnalismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

CÓDIGO de Ética dos Jornalistas. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/Leis/Codigo_de_Etica.htm>. Acesso: em 5 maio 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. Jornalismo Esportivo. São Paulo: Contexto, 2003

COMITÊ Olímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.cob.org.br>>. Acesso: em 15 abr. 2006.

COMITÊ Paralímpico Brasileiro. Disponível em : < <http://www.cob.org.br> >. Acesso: em 2 maio 2006

CRUZ, José. [Entrevista monografia III]. (realizada em maio de 2006).

DUARTE, Orlando. História dos esportes. 3. ed. São Paulo: Senac, 2004.

FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANCO, Francisco Manoel de Mello; HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GLOBO, Memória. Jornal Nacional: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GODOY, Lauret. Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

HELAL, Ronaldo. O que é Sociologia do Esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARANHÃO, Jorge. Mídia e Cidadania: faça você mesmo. Rio de Janeiro: Sindical Nacional dos Editores de Livros, 1993.

PEREIRA, Alfredo Eurico Vizeu Jr. Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

PROGRAMA Esporte Espetacular. Disponível em:
<<http://esporteespetacular.globo.com/ESP/Programa/EsporteEspetacular/0,,5149,00.html>>. Acesso: 25 mar. 2006.

PROGRAMA Globo Esporte. Disponível em:
<<http://globoesporte.globo.com/ESP/Programa/GloboEsporte/0,,4723,00.html>>. Acesso: em 20 mar. 2006.

ROSSI, Paulo. [Entrevista monografia II]. (realizada em maio de 2006).

SANTOS, Daiane dos. [Entrevista monografia I]. (realizada em abril de 2006).

TOLEDO, Luiz Henrique. No País do Futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões Sociais do Esporte. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

7. Anexos

7.1 – Anexo A

Entrevista – Monografia I / Daiane dos Santos – Ginasta

1) Quais são os valores do esporte?

Os valores do esporte são, dedicação, aprender a conviver com o próximo, ser um bom exemplo.

2) O que o esporte representa para sua vida e quais ensinamentos foram transmitidos através dele?

O esporte representa para mim, e para minha vida, dedicação, aprender a conviver com o próximo e aprender com ele, ser um bom exemplo, e dar um bom exemplo, e que as coisas nem sempre acontecem como nós queremos, e que tudo tem seu tempo e hora certa para acontecer, tudo isto eu aprendi com o esporte.

3) Em sua opinião, o esporte tem uma dimensão educativa? Qual?

A formação de um futuro melhor de uma melhor educação, de respeito ao próximo, principalmente quando criança, para saber o limite do certo e do errado, saber que tudo na vida tem deveres e responsabilidades.

4) Qual é a importância do esporte em um país como o Brasil?

A importância é muito grande, pois o esporte ensina coisas e valores, que tu não usa só no esporte, mais sim para toda a vida.

5) Você acredita que os projetos esportivos sociais cumprem quais funções na sociedade? Qual é a importância dos mesmos em um país como o Brasil?

A função é de levar a criança ao laser ao esporte e, de conhecer este lado que ela não tem, de ela fazer uma coisa que ela não está acostumada, isto estes projetos fazem, dentro das comunidades mais carentes.

6) Você acredita que o jornalismo esportivo cumpre uma função social mesmo tratando de um tema ligado ao entretenimento? De que forma o cumpre ou não?

Depende, tem vezes que o jornalismo cumpre muito o que interessa para elas de uma forma geral, se eles acham que a notícia para elas vai vender, sim eles transmitem, as vezes tem algumas coisas que não acontecem da forma que eles transmitem, eles mostram de uma forma como eles querem, mas eles acabam as vezes ajudando muitos projetos mas, todo depende de eles quererem.

7) No país do futebol os outros esportes têm espaço na mídia? Por que?

Sim. Por que o Brasil não é feito só de futebol, ele tem outros esportes. Claro que o futebol é o esporte número um do Brasil, não tem nem como dizer que não é pois realmente também é o nosso forte, mas também não é o único.

8) Vencer é o mais importante no esporte? Por que? Se a resposta for não, o que é o mais importante no esporte?

Não. Vencer é uma consequência do resultado do que tu apresentou, acho que no esporte a gente tem que estar preparado para vencer ou para perder, mas vencer é o objetivo de todo mundo, depende muito da hora do dia do local de como você está, da sua concentração.

9) Você acredita que a mídia ao falar sobre o esporte como educação, em sua maioria, dá exemplos de histórias de vencedores?

A maioria das vezes sim eles procuram pegar este lado positivo, que eu acho que está certo, o esporte salvou a vida de muita gente, de muitos atletas, mas da maioria das vezes nem sempre.

10) No programa Fantástico da Rede Globo do dia 05 de março de 2006, foi veiculado uma das séries de reportagens sobre o esporte como educação e inclusão social (para a campanha do Pan 2007) no qual você foi personagem. Você acha que a mídia estaria fazendo esta mesma reportagem com você se não fosse campeã mundial e autora do salto duplo twist carpado?

Na verdade eu não sei, mas para tu, aparecer na mídia, é exigido um resultado expressivo da maioria das vezes, mas na verdade eu não sei disser nem que sim nem que não.

11) A mídia dá espaço para falar sobre esporte como responsabilidade social contando histórias de crianças e adolescentes que jamais ganharão uma competição, mas que resgataram sua auto-estima e cidadania através do mesmo? Por que?

O esporte abre portas para as pessoas, para aquela criança que às vezes não tem uma hora de lazer. O esporte pode ser considerado um lazer na hora que ela vai poder brincar um pouco, que ela pode ter esta forma lúdica de ver a vida, que a vida dela não é só tristeza, não é só trabalho, que a vida dela não é só pobreza que ela pode encontrar amigos, acho que tudo isto o esporte traz: o prazer interno para a pessoa ficar de bem consigo mesmo. Ela pode até não ser um grande atleta, mas o prazer que o esporte traz é incomparável é maravilhoso, salva e resgata vidas.

12) Você acredita que o jornalismo esportivo pode exercer uma função educacional e social mesmo tendo como foco central o espetáculo (já intrínseco no esporte)? Como?

Hoje em dia o esporte de alto rendimento, chama-se de esporte espetáculo, rende muito na mídia, tipo a ginástica hoje é um esporte espetáculo, como futebol, as pessoas deixam de sair às vezes para assistir na televisão, as pessoas pagam para assistir, assim até fazer com que as pessoas tenham curiosidade e vontade de praticar o esporte.

13) Qual a sua opinião sobre o jornalismo esportivo brasileiro?

Acho que está melhorando, antes o jornalismo esportivo, dava atenção mais para o futebol, agora eles estão enxergando os outros esportes, dando mais espaço a eles, então acho que neste ponto jornalismo esportivo está melhorando.

7.2 – Anexo B

Entrevista – Monografia I / Paulo Rossi – Editor de Esportes do jornal Correio Braziliense

1) O esporte tem uma dimensão educativa? Qual?

A dimensão educativa do esporte é tão grande quanto subaproveitada em nosso país. Levar uma criança a praticar uma modalidade esportiva, no convívio de outras crianças e longe dos vícios que as ruas oferecem, deveria ser prioridade na política educacional e social de qualquer governo. Qualidades como respeito ao próximo, vida em sociedade (representada pelas equipes nos esportes coletivos e pelos colegas nas modalidades individuais), respeito às regras e espírito de liderança são desenvolvidas na prática esportiva.

2) Qual é a importância do esporte em um país como o Brasil?

Reforçando a resposta da primeira pergunta, um país como o Brasil, com altos índices de pobreza, criminalidade e desigualdade social, tem a obrigação de usar o esporte como ferramenta sócio-educacional.

3) Você acredita que o jornalismo esportivo cumpre uma função social mesmo tratando de um tema ligado ao entretenimento? De que forma a cumpre ou não?

Sim. Quando o jornalismo esportivo mostra que, além dos resultados e conquistas, o atleta é um cidadão competente e ético. Quando revela, por meio de reportagens, que o esporte faz as pessoas evoluírem em vários níveis, da saúde ao caráter. Quando mostra que uma criança carente se tornou um atleta respeitado internacionalmente e com independência financeira. Quando apresenta os resultados de trabalhos sociais que utilizam o esporte.

4) No país do futebol os outros esportes têm espaço na mídia? Por quê?

Não há como fugir do domínio do futebol. Vivemos na pátria de chuteiras, que busca o hexa na Copa do Mundo. O futebol sempre será o esporte mais popular, e a mídia reflete essa preferência do público. Mas esportes como vôlei, basquete, tênis, atletismo e automobilismo sempre mereceram e merecerão espaços nobres. Outras modalidades têm crescido muito, como natação, ginástica, vela e esportes radicais.

5) Por que o futebol é o assunto que mais ocupa espaço nos cadernos e programas de esporte?

Acho que já respondi na questão anterior.

6) Vencer é o mais importante no esporte? Por quê?

Para qualquer competidor, no esporte e na vida, o lugar mais alto do pódio é a meta. Mas o esporte conta belas histórias de vencedores que não são, necessariamente, os campeões. A maratonista suíça nos Jogos de Barcelona, por exemplo, que cruzou a linha de chegada cambaleante, muito tempo depois dos primeiros colocados. Lembro-me também da Seleção Brasileira que perdeu o título mundial para a França, em 1998, mas foi recebida com todas as glórias pela população nas ruas de Brasília. A superação e a integridade dos atletas sempre serão valorizadas, com ou sem troféus.

7) Por que ao remeter o esporte como educação a mídia, em sua maioria, exemplifica contando apenas histórias de vencedores em competição e não dos vencedores no plano da educação e cidadania?

Desde a Grécia Antiga, os vencedores são glorificados. É uma dimensão humana, natural e eterna. Mas penso que a mídia vem destacando o lado social e educativo do esporte em muitas reportagens, mostrando que o esporte forma não só campeões como, fundamentalmente, cidadãos.

8) A mídia dá espaço para falar sobre esporte como instrumento de educação contando histórias de crianças e adolescentes que jamais ganharão uma competição, mas que resgataram sua auto-estima e cidadania através do mesmo? Por que? (se sim, quantas matérias foram feitas neste semestre no Correio Braziliense com esse tipo de personagem?)

Acho que já respondi que sim. Não tenho números (precisaria de uma pesquisa extensa do Centro de Documentação), mas este ano foram produzidas várias matérias de cunho social, nas editorias de Esportes e de Cidades, principalmente. Recordo algumas: o trabalho que as ex-jogadoras da Seleção Brasileira de vôlei, Leila e Ricarda, realizam com crianças carentes em Taguatinga; o projeto Segundo Tempo, do Ministério do Esportes, que mantém o aluno por mais tempo na escola para praticar esportes; o projeto de atletismo do ex-campeão olímpico Joaquim Cruz em comunidades pobres etc.

9) Quais são as pautas mais "vendidas" na editoria de esportes do Correio Braziliense?

Depende muito do dia, da época do ano. Obviamente, o futebol freqüenta a capa (que chamamos de aposta) mais vezes que qualquer outro esporte, principalmente em ano de Copa do Mundo.

10) O jornalismo esportivo da época de Mário Filho e Nelson Rodrigues tinha uma sensibilidade e visão crítica social sobre o esporte? Os atuais jornalistas esportivos mantêm a linha de seus antecessores ou o foco modificou? Porque?

Mário Filho, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira (este ainda na ativa) representam o jornalismo mais romântico, com toques literários. Seus textos e crônicas, belíssimos, seriam publicados hoje, sem sombra de dúvida. Mário Filho escreveu um livro que é referência sociológica ("O negro no futebol brasileiro"). Seu irmão, Nelson Rodrigues, era jornalista, escritor e dramaturgo, um autêntico gênio, e pontuava seus textos com questões culturais. Hoje não vejo no jornalismo esportivo brasileiro muitos sucessores à altura. Cito o colunista do Correio, Tostão, como um dos poucos que seguem essa escola com brilho. Mas acho que, no âmbito das reportagens, o jornalismo atual tem, sim, discutido a questão social do esporte, com visão crítica. Aqui no Correio, mais de uma vez já publicamos editoriais cobrando uma política esportiva mais efetiva por parte dos governantes. Temos também um subeditor e colunista, José Cruz, que é um dos jornalistas esportivos brasileiros mais combativos e competentes nessa área.

11) Você acredita que o jornalismo esportivo pode exercer uma função educacional e social mesmo tendo como foco central o espetáculo (já intrínseco no esporte)? Como?

Acho que a resposta à oitava pergunta já contempla esta última questão. O jornalismo deve noticiar o espetáculo, as glórias, a beleza do esporte, ao mesmo tempo em que, como veículo de comunicação, precisa exercer uma função de vigilância e de cobrança em busca de uma sociedade melhor.

7.3 – Anexo C

Entrevista – Monografia I / José Cruz – Subeditor de Esportes do jornal Correio Braziliense e colunista esportivo

1) O esporte tem uma dimensão educativa? Qual?

Historicamente, o esporte tem dimensão educativa. Nos jogos coletivos (vôlei, futebol, basquete etc) a criança, o jovem, o adolescente, enfim, aprendem a respeitar normas, regras, hierarquias; a cumprir horários, aprendem sobre liderança, a conhecer o corpo humano e seus limites. A educação informal vem por extensão, assim como a formação da cidadania. Assim, independente de um jovem se tornar atleta profissional, ele se formará cidadão se souber aproveitar os ensinamentos da prática esportiva.

2) Qual é a importância do esporte em um país como o Brasil?

A questão pode ser analisada sob dois aspectos: os que praticam esporte e os que apenas acompanham como torcedor. Preliminarmente, é oportuno lembrar que a “importância do esporte” começa na escola, com a prática de educação física. Entretanto, ao contrário do que ocorria até o final dos anos 70, quando a educação física estava intimamente vinculada às atividades didáticas, na escola, hoje não temos mais essa atividade, o que contribui para não despertar nos jovens o interesse pelo esporte. Correr, saltar, pular, movimentos básicos do ser humano, praticados de forma coordenada nas aulas de educação física, são a iniciação do esporte. Entretanto, isso está sepultado e o interesse acaba surgindo nos privilegiados que freqüentam clubes sociais, academias, escolinhas etc. O Brasil já teve na escola o seu celeiro de identificação de atletas. Joaquim Cruz, medalha de ouro olímpico (800m), no atletismo, Os irmãos Torbem e Lars Grael, Paula, Hortência e Oscar, no basquete, foram identificados nos Jogos Escolares. Mas nem todas as crianças têm aptidões para o esporte, não apresentam a coordenação motora indispensável e vão para outras áreas, como a literatura, o canto coral, a pintura, enfim. Mas um estudo do Unicef e outro da ONU já identificaram que as crianças que praticam atividades físicas regularmente apresentam significativa melhoria no rendimento escolar e as que evoluem para o esporte reduzem significativamente, as visitas ao pronto-socorro, ambulatórios médicos etc, pois a qualidade de vida melhora de forma significativa. O mesmo estudo da ONU indicou que para cada dólar investido pelos governos em políticas públicas de esporte há um retorno de 3,4 dólares na forma de melhoria da saúde, qualidade de vida e, principalmente, na redução de construção de presídios, centros de recuperação de menores etc. Portanto, falta ao Brasil uma política pública nesse sentido, que não seja apenas de fachada, como a que o Ministério do Esporte apresentou recentemente. Uma política de governo para o esporte tem que ter, obrigatoriamente, a participação dos ministérios da Educação, Saúde, Ação Social e Esporte, é claro. Mas isso não ocorre no Brasil e o resultado dessa desatenção é representado pelos elevados níveis de reprovação nas escolas, repetência, desistência dos estudos, marginalidade infantil, crescimento da criminalidade entre os menores etc.

3) Você acredita que o jornalismo esportivo cumpre uma função social mesmo tratando de um tema ligado ao entretenimento? De que forma a cumpre ou não?

No geral, o jornalismo esportivo não cumpre função social. O esporte, no Brasil, em particular, é o futebol. Depois, os demais esportes. O leitor, o consumidor de notícias sobre o esporte, quer informações sobre o seu clube do coração, se o jogador tal vai jogar o clássico de domingo ou não, onde serão vendidos os ingressos, etc. Com isso, sobra pouco espaço para que as editoriais de esporte tratem do tema sob o aspecto social. Essa questão é tratada em artigos, comentários, mas ainda de forma acanhada. Mesmo porque, na cultura brasileira, as editoriais de esporte tratam das várias modalidades sob o enfoque da “competição”. Assim, a questão social fica diluída em outras editoriais, como a de Brasil (ou País), Cidades, Saúde.

4) No país do futebol os outros esportes têm espaço na mídia? Por quê?

Há dois anos participei de um seminário quando um dos palestrantes deu um dado interessante. Segundo uma pesquisa que realizou, 80% do espaço dos cadernos de esportes dos principais jornais do país são ocupados com notícias de futebol. Os 20% restantes são para as demais modalidades, com preferência para as que estão com atividades no momento. Por exemplo: Fórmula 1, se tiver uma etapa no final de semana, basquete, se estiver ocorrendo um torneio do Grand Slam ou outro importante reunindo as feras mundiais; vôlei, destacando a rodada da Superliga, por exemplo. E tudo isso ocorre porque a nossa cultura é a do futebol. O leitor viu o jogo pela TV ou foi ao estádio, acompanhou os gols, com replays pela TV, ouviu os debates dos comentaristas à noite e, ainda assim, na segunda-feira ele vai à banca comprar o jornal, pois quer saber mais e mais sobre a rodada ou o jogo dos quais já não há mais nada a se dizer.

5) Por que o futebol é o assunto que mais ocupa espaço nos cadernos e programas de esporte?

Os jornais se baseiam em pesquisas, cada vez mais freqüentes. Os jornais vendem notícias e, como tal, precisam atender às exigências do o leitor. Assim, vão em direção do que esse consumidor pede nas pesquisas. No Correio Braziliense temos conselhos de leitores em todas as editorias. No Conselho de Esportes, (os conselhos são renovados a cada seis meses), o leitor nos dá esse retorno, além do que indicam as pesquisas. Independente disso, é tradicional o Correio dispensar duas páginas diárias para as demais modalidades fora do futebol, com preferência para os destaques da cidade, no tênis, natação, judô, vôlei, basquete etc.

6) Vencer é o mais importante no esporte? Por quê?

No esporte profissional é. Os especialistas em marketing dizem que “esporte provoca emoções e emoções vendem”. O atleta vencedor tem espaço na mídia (Guga, Ronaldinho Gaúcho, Oscar – nos seus melhores momentos – Daiane dos Santos e por aí vai). São pessoas que exibem boa disposição, saúde, alegria. São vitoriosas. Isso interessa ao patrocinador que sustenta o esporte. Para que se tenha uma idéia, a Coca-Cola patrocina os Jogos Olímpicos desde a década de 30. O Banco do Brasil está há 13 anos com o vôlei e os Correios há 12 anos com a natação. Para essas empresas, seus patrocinados precisam vencer, pois vinculam a vitória às marcas dos patrocinadores e isso ocupa privilegiado espaço na mídia.

7) Por que ao remeter o esporte como educação a mídia, em sua maioria, exemplifica contando apenas histórias de vencedores em competição e não dos vencedores no plano da educação e cidadania?

Porque a notícia dos vitoriosos está intimamente vinculada a esse mercado do esporte profissional. O esporte do “importante é competir” não existe mais. E isso piorou depois que o doping passou a crescer de forma assustadora, mascarando os resultados, mas colocando cada vez mais no pódio resultados surpreendentes, como correr os 100 metros rasos em assustadores 9s77.

8) A mídia dá espaço para falar sobre esporte como instrumento de educação contando histórias de crianças e adolescentes que jamais ganharão uma competição, mas que resgataram sua auto-estima e cidadania através do mesmo? Por que? (se sim, quantas matérias foram feitas neste semestre no Correio Braziliense com esse tipo de personagem?)

Dá espaço. Porque atrás de cada atleta há histórias humanas espetaculares. Eu, particularmente, já fiz matérias com jogadores cegos, com goleiro amputado de uma perna, judocas cegos, tenistas cadeirantes enfim. Cabe ao repórter descobrir esses fenômenos e ter sensibilidade para contar sobre as suas carreiras. Como a dos atletas máster, por exemplo, da natação, do atletismo, do tênis. São atletas veteranos que dão exemplos de vida fenomenal de como a atividade física na terceira idade contribui para a qualidade de vida.

9) Quais são as pautas mais "vendidas" na editoria de esportes do Correio Braziliense?

Temos uma rotina de cobertura do futebol local (Brasiliense e Gama, que disputam um campeonato importante), do futebol nacional (já que a cidade tem milhares de torcedores de times do Rio, S.Paulo, RGSul, Minas etc), e futebol internacional, onde jogadores brasileiros são destaques freqüentes. Nas demais modalidades vendemos o que está na ordem do dia, como o basquete, cujo time local disputa o mais importante campeonato nacional, o vôlei feminino, pelos mesmo motivos, destaques no tênis, natação e atletismo, prioritariamente para os que estão no ranking nacional e disputando torneios de ponta. As matérias especiais, como as que envolvem aspectos humanos, são vendidas mais para os fins de semana.

10) O jornalismo esportivo da época de Mário Filho e Nelson Rodrigues tinha uma sensibilidade e visão crítica social sobre o esporte? Os atuais jornalistas esportivos mantêm a linha de seus antecessores ou o foco modificou? Porque?

Mudou muito, mas no tempo de Mário Filho e Nelson Rodrigues não havia a fartura de imagens da televisão. Então, eles podiam explorar o assunto de forma praticamente privilegiada. Ademais, tanto um como outro se preocuparam prioritariamente – ou exclusivamente – do futebol, visto sob o ponto de vista das torcidas e seus comportamentos como fenômeno cultural. O futebol daquela época era profissional, mas não comercial, como o de hoje. A paixão era outra, motivo, aliás, para despertar maravilhosas crônicas de Nelson Rodrigues, insuperáveis em estilo, ainda hoje. Mário Filho foi um dos pioneiros a escrever sobre o negro no futebol, sua influência no contexto de uma sociedade elitista e racista. Hoje, vivemos o problema do racismo no esporte, mas com um tratamento factual e não de análise sociológica do fenômeno. A imprensa escrita poderia explorar muito esse tema, mas, mesmo assim, teria alcance limitado, pois se lê muito pouco no Brasil. A preferência do torcedor fica concentrada na televisão que tem espaço para esse tipo de crítica. Porque, mais uma vez é bom dizer, os programas de televisão estão intimamente vinculados aos patrocinadores, com espaço limitado para outras críticas que interessam mais ao telespectador do que ao leitor voltado para as questões sociais do esporte.

11) Você foi citado por seu editor como um dos jornalistas esportivos brasileiros mais combativos e competentes na área de discutir a questão social do esporte, com uma visão crítica. Como é essa luta?

Antes de mais nada, agradeço ao Paulo...rs. Ele é exagerado...rs Mas tem tudo a ver com o enfoque de sua entrevista. O esporte é um instrumento espetacular de promoção e valorização do ser humano. Tanto para quem pratica como para o torcedor. No Brasil temos algumas inversões que dificultam tirar dessa atividade toda o seu valor. A começar pela falta de seriedade dos dirigentes e a assustadora administração amadora do futebol. Essa falta de idoneidade, em tese, reflete no torcedor. O exemplo vem de cima. Fora do futebol, tenho criticado os sucessivos governos pela falta de políticas públicas para o esporte. Uma recente divulgação do IBGE revela que cai, ano a ano, os investimentos municipais e estaduais no esporte. Decrescem, proporcionalmente, os espaços públicos para a prática do esporte. Ou seja, a iniciação na idade escolar está comprometida e isso reflete-se, também, na formação do jovem como um todo, inclusive na sua qualidade de vida e na formação do caráter. Não é só criticar. Tenho participado de debates, de reuniões, encaminhado propostas, enfim. Não estou sozinho, isolado, nesse trabalho. Outros colegas como Juca Kfourri, Armando Nogueira, por exemplo, tratam sistematicamente dessa questão. Temos um ministério exclusivo para o esporte, mas cuja direção é entregue, ano a ano, governo a governo, a pessoas descomprometidas com o setor. Já tivemos dois atletas como ministro, mas ambos – Zico e Pelé – vinculados ao futebol. Políticos tratam d questão de forma partidária e não no contexto do governo, envolvendo outros ministérios, como já falamos acima (saúde, educação, ação social etc). Isso tudo não é novidade, não é um achado, um ovo de Colombo. Nada mais é, isso sim, do que mostrar o que outros governos, capitalistas ou socialistas, fazem. A Austrália é uma potência no esporte. E, em decorrência, ganha o povo em cidadania. A Coréia do Sul, também. E ambos os países aproveitaram as olimpíadas que sediaram para mudar o rumo. Cuba é exemplar em política de esporte, assim como os Estados Unidos que envolvem a escola e a universidade nesse contexto. E todos com resultados nas quadras ou fora delas. Portanto, não há novidades, mas apenas um apelo, digamos, para que o governo parta do discurso para a prática.

12) Você acredita que o jornalismo esportivo pode exercer uma função educacional e social mesmo tendo como foco central o espetáculo (já intrínseco no esporte)? Como?

Pode, mas não faz. Como comentei mais acima, o espaço é voltado para a exigência do leitor. E o leitor quer saber sobre o gol, sobre a falta, o impedimento, a crítica ao adversário, enfim. O espaço ainda é limitadíssimo, pois em nível editorial o espaço prioritário é para a política e economia. Isso é uma tendência mundial que se observa. Mas os jornais e revistas especializados, esses sim, poderiam dedicar mais espaço para as reportagens especiais envolvendo o torcedor, o dirigente e não o atleta e o técnico, exclusivamente.